

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO ESTRANCEIRO



ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porto
Anno ou 24 numeros	28600	Trimestre ou 6 numeros 8650
Semestre ou 12 numeros	14300	N.º avulso ou pago á entrega 8120
ESTRANGEIRO		
Anno ou 24 numeros	36000	Semestre ou 12 numeros 18500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 7

1 DE ABRIL 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LOUROY, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.



mc

ALBERTO

SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE D. CARLOS FERNANDO (Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Os ultimos amores de Goethe, por D. MARIA AMALIA VAS DE CARVALHO — As nobres gravuras — Eça de Queiroz, auctor do novo romance «O primo Basilio», por GUERRA JUNQUEIRO — A luz, por MANUEL D'ARIELLA — A Escola, por CARDEIRO DE FIGUEIREDO — Gabriel, por CHRISTOVÃO AYRES.

GRAVURAS. — Sua Alteza Real o principe D. Carlos Fernando — Eça de Queiroz, auctor do novo romance «O primo Basilio» — Sala dos Cisnes no palacio real de Cintra — Paisagem da serra da Estrella — Pelourinho de Campo-Maior — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Nenhuma novidade digna de menção vem hoje perturbar a doce soledade d'esta chronica.

Os casos dados em Lisboa na ultima quinzena tem todos um caracter tão intimo, tão singelo, tão vulgar, que é um vexame quasi legar a memoria d'elles á posteridade!

Na ordem politica, por exemplo, temos a reforma da camara dos pares.

Mas a posteridade pegando na camara dos pares da primavera de 1878, e cotejando-a com a da primavera anterior, ha de perguntar que differença ha entre uma e outra?

Nem chega a ser uma instituição voltada do avesso, como os fraques velhos. É simplesmente um corpo de estado com uma gola de veludillo reformada, além de que alguns o tomem por novo.

A primavera começou ha oito dias, officialmente, ainda que particularmente este dom da providencia já estivesse connosco desde o dia primeiro de janeiro. Foi um legado que dezembro nos deixou em testamento.

Por fim de contas as estações do anno são aquellas a que n'este abençoado torrão se chega sempre com mais presteza e mais regularidade. Oxalá que em relação ás dos caminhos de ferro acontecesse outro tanto!

Quando abril se aproxima, as campinas enchem-se sempre de rosas e as balseiras de gorgeios. É uma especie de falla do throno feita pela providencia aos povos, com a simples differença de ter muito menos rhetorica e muitos mais ninhos.

É verdade que no fim de contas as fallas dos thronos, se as examinarmos bem, também lhe havemos de encontrar muitos ninhos no fundo.

Os canticos da natureza veem muito a proposito, agora que o theatro lyrico solta o derradeiro arranco e trata de empalhar ao mesmo tempo as trombetas egypcias, o corpo de baile, os capacetes e as coristas, até á futura epocha. Entretanto diga-se de passagem que a estação lyrica não se despede sem nos ter dado uma d'aquellas noites ruidosas que já por si constituíram n'outros tempos a melhor gloria de S. Carlos.

Ha algumas noites annunciou-se o *Barbeiro de Sevilha*. O publico vendo annunciado no cartaz a peça, a que muitos chamam a obra prima de Rossini, encheu o theatro, e no fim do primeiro acto começou a patear com furia fazendo acabar o espectáculo exactamente por lhe terem dado o *Barbeiro*.

Naturalmente indignou-se com o cumprimento tão imprudentemente fiel do programma. Annunciando-se o *Barbeiro de Sevilha* esperava talvez que lhe servissem o sr. Godfroy, do Chiado, da mesma maneira que quando os governos promettem aquella peça de effeito chamada a *Extinção do deficit*, acabam sempre com a plangente oratoria d'um novo emprestimo.

O *diletanti* do theatro lyrico portuguez é uma physionomia a estudar. No seio da platéa do theatro de S. Carlos corre desde tempos remotos este boato: de que é ella uma das mais entendedoras da Europa, e de que os cantores se arreceiam mais.

Emquanto á primeira parte não é licito affirmar-o nem negar-o sem experimentar primeiro da seguinte maneira, por exemplo: Que Verdi, Wagner, Gounod, Massenet e outros compositores da moda, escrevam expressamente para S. Carlos as suas operas; que S. Carlos as julgue em primeira mão e que depois as obras dos maestros se imponham á admiração do mundo com a auctoridade d'este julgamento.

Ou então que S. Carlos produza do seu proprio seio algumas obras primas que nos arrebatam! Sim; que demonio custa a S. Carlos ser Weber por um momento, e compôr o *Freischutz*, para experimentar; a contento!

Não lhe custava isso nada, e affirmava d'esta maneira a sua auctoridade, provando que tinha genio!

Emquanto ao receio que S. Carlos infunde aos cantores, é uma presumpção essa que ninguem ousará contestar, porque é fundada não só nos factos mas também nas botas dos *diletanti*. Apenas no dia em que se supprimissem as solas do calçado o nosso theatro lyrico deixaria de possuir essa qualidade suprema, a que dá um tão largo contingente a sovela dos sapateiros.

Sim, essa reputação de severidade acabaria no momento em que os frequentadores de S. Carlos fossem obrigados a andar na platéa como alguns passageiros do Brazil andam no tombadillo dos paquetes — em palmilhas.

— Depois da novidade ruidosa de que fallámos, a maior além da

Aida, o theatro lyrico deu-nos apenas um novo bailado, *El genio dei fiori*. O Genio foi a sr.^a Mazeri, a jardineira a sr.^a Simoni, e o sr. Copini fez de demonio. O corpo de baile restante devia representar as Fúrias, apezar do cartaz ser a este respeito d'uma generosa reserva.

O Genio das flôres saindo do calix d'uma grande rosa de papelão, não podia naturalmente dançar tanto á vontade como a sr.^a de Simoni, primeira bailarina, que é uma sylphide com todo o feitio e toda a aerea elegancia do genero; entretanto o referido genio das flôres taes exorcismos fez ao primeiro bailarino que este cabiu afinal — também fulminado um pouco pela luz electrica — no meio de tão violentos esgares, que fariam receiar pela sua saude se não estivessemos costumados a ver os tristes dançarinos rolando d'este feitio ao som da valsa.

Ninguém queira mal por isto ao Genio em que a sr.^a Mazeri se disfarçava.

— Promette-se opera comica em S. Carlos no decurso do mez corrente. O nosso theatro lyrico vae mettendo demasiadamente o dente no fructo do peccado. Já teve *Mahille*, vae ter opera comica; quem sabe que futuro lhe estará reservado depois d'esta demasia musical? e quasi sempre por este caminho que se chega ao paiz d'Offenbach.

Mas por outro lado este paiz está hoje tão bem frequentado que não devemos reputar uma grande desgraça ir para lá passar a primavera. É uma estação de recreio como Cintra, com a pequena differença d'algum *can-can* e d'algum *champagne* em vez do *peixe frito* e da agua da Sabuga.

— O *homem camaleão*, m.^{elle} Luigini e a *rainha das aguas* são ainda as unicas celebridades com que o theatro dos Recreios mantém a fama do seu nome. Agora annuncia-se uma companhia de zarzuella com a Zamacois, a celebre musa da *sigadilla* que ha annos, segundo ouvi dizer, passou como um tufão por cima da virtude lisbonense. É de Zamacois para cá que datam todas as perversões rissonhas de que a scena portugueza tem sido theatro nos ultimos tempos. Todas as creaturas estranhas tem o seu precursor. Zamacois foi a *Baptista da Preciosi*.

Agora volta de novo, naturalmente com mais algumas virtudes e menos alguma voz, como d'ordinario acontece. Será realmente uma pena que lhe tenham acontecido estes dois desastres ao mesmo tempo!

— Sobre todos os pequeninos factos que deixo mencionados, tem recaido o commentario da luneta diplomatica de m.^{me} Rattazzi, que nos visita pela segunda vez, tomando-nos especialmente como um assumpto que no fim do anno deve ser editado n'um elegante volume pela casa Dentu, de Paris. M.^{me} Rattazzi, escrevendo *Le Portugal à vol d'oiseau*, promete tratar dos costumes, das artes, das lettras, da politica, de todas as instituições nacionaes, enfim, inclusivê da instituição da roleta, que é innegavelmente uma das mais bem organisadas do paiz. Esta observação da illustre estrangeira faz justiça á perspicacia d'uma princeza do espirito, que chegando á janella da sua sala no hotel Central e atravessando o Chiado de carruagem, conheceu logo, n'um golpe de vista, a paixão dominante do povo que pretende estudar.

De feito, se me perguntam — no meio dos receios que n'este momento de crise europea nutrimos pelo nosso futuro politico — qual é o campeão mais popular do paiz, o meu animo imparcial é obrigado a confessar que é innegavelmente o *Campeão* das cautelas!

Ainda mais: m.^{me} Rattazzi, estudando a sociedade portugueza no Passeio Publico, apanhando-a em flagrante n'esse recinto da elegancia, semanal, fazendo-lhe rapidamente o *croquis* do natural no seu album de viagem, mostrou possuir o dom supremo dos paizagistas modernos, sabendo apanhar o lado real das cousas. Revela-se sempre esta suprema qualidade na despreocupação e na insistencia com que s. ex.^a estuda o paiz, nas ruas, nos passeios, nos theatros, na tribuna diplomatica da camara dos deputados, lançando-lhe o binoçulo com o ar imperturbavel d'um sabio que estuda os costumes d'uma familia de infusorios.

M.^{me} Rattazzi seria realmente cruel se levasse a sua curiosidade até ao extremo de tomar nos seus compridos e delgados dedos principescos alguns dos nossos representantes, e de os pregar com alfinetes n'um cartão — á maneira de borboletas.

Era uma insidia que nem as mariposas, nem o sr. conselheiro Arrobas, lhe perdoariam jámais.

Por outro lado era também uma colleção incompativel com os elegantes e assetinados versos da auctora da *Cara Patria*.

— A chronica tem já agora de acabar assim. A primavera e m.^{me} Rattazzi foram as duas musas a quem o mais obscuro dos chronicistas deveu hoje não passar pela maior das decepções em frente dos seus compatriotas. Protestou que não tinha nada que dizer, e viu-se realmente arriscado a ter de cumprir o seu programma!

GUILHERME D'AZEVEDO.

OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

III

Dos dados que ali ficam assentes deriva como consequencia natural o caracter de Goethe. Esboçemos-lhe rapidamente os pontos mais caracteristicos, seguindo a successão logica dos acontecimentos da sua vida.

Compreende-se que n'esta vida a paixão só pôde occupar um logar secundario; apparecerá de certo como elemento indispensavel que é, mas apparecerá para ser primeiramente estudada e depois vencida.

A preocupação incessante, a lei dominadora que o poeta estabeleceu transparece ao principio como um systema, e vai pouco a pouco confundindo-se com as forças espontaneas que imperam n'elle.

Primeiro um esforço voluntario, uma lucta accessa e tenaz da vontade, depois um habito que enraiza, cresce, avulta, e ao qual a natureza se subordina inconscientemente.

A vida de Goethe divide-se distinctamente em tres periodos diversos.

O primeiro de elaboração confusa e escandescente, o segundo de lucta activa e fecunda, o terceiro de completa pacificação interior e de equilibrio intellectual.

Aos vinte annos de idade, Goethe sentia agitarem-se surdamente na sua alma os elementos tempestuosos, que durante longo tempo trouxeram convulsionados as sociedades e os individuos, e que haviam de ter a inevitavel explosão vulcanica na revolução franceza, já pressentida, senão vaticinada, por todos os espiritos.

Reflua-lhe ao coração a seiva indomavel e intacta, achava o desequilibrio nas instituições e nas almas. Incerto nas aspirações do futuro, perseguido pelas allucinações do suicidio, a ponto de ensaiar por mais d'uma vez, como elle proprio o confessou depois, o modo de morrer *in the high Roman fashion*,¹ experimentando um violento capricho por uma d'essas mulheres — visões numerosas e suavissimas, que o seguem até a morte como um cortejo radioso — inactivo e querendo ora exercer a actividade que o devora, ora achar no aniquillamento o absoluto repouso, Goethe quasi vencido na lucta interior, mostra o primeiro symptoma decisivo da sua estranha força.

Outro qualquer succumbiria na crise violenta, ou deixar-se-ia arrastar sem defeza por um ou por outro dos contradictorios impulsos que n'elle combatiam.

Goethe cria uma figura imaginaria, compendia n'ella todos os tormentos que o prostram, estuda um a um os phenomenos psicologicos de que a sua alma é o theatro, e levando ás consequencias extremas as paixões que analisa, fecha o seu livro com o suicidio do heroe.

Matando Werther, Goethe realisa um milagre: mata o seu proprio mal.

A detonação da arma de fogo que prostra lavado em sangue o lamentavel amante de Carlota, afugenta subitamente os phantasmas que perseguem e povoam a imaginação de Goethe.

Hoje não ha ninguém que entenda a declamação de Werther, as suas apostrophes vehementes, o seu sentimentalismo piegas; não ha quem se interesse pelas fatias de pão com manteiga, que eram no fim de contas o supremo triumpho de *Lolotte*.

Tudo isso passou de moda, como passou de moda aquelle hybrido trajo, feito d'um *frack* azul e d'um collete amarello, que tão celebre se tornou em toda a Europa.

N'aquelle tempo contudo, ao apparecimento do livro que de então para cá, tem tido successores mais ou menos legitimos, desde René, até Antony, desde Jacopo Ortis até Bolla, responde a joven Allemanha com um longo brado de enthusiasmo e de sympathia.

O poeta ao traduzir as suas sensações individuaes, sonhos nostalgicos do infinito, impetos doentio para o ignorado, dera uma voz e uma forma ao que pairava então confusamente em todos os espiritos.

O mal de que elle padecia era o da sua geração.

A melancolia inquieta de Werther, empalidecia e fazia pender anciosas milhares de fronte juvenis.

A missão do genio não é talvez mais nada, do que a faculdade de fazer vibrar dentro da sua alma a alma do seu seculo, de interpretar com a voz potente o grande silencio angustioso dos obscuros.

Foi tal o sobresalto e a impressão violenta e profunda causada pelo Werther, que mais d'um entre os que o leram, reconhecendo-se atravez d'elle, o imitou até ao suicidio.

Mais tarde o proprio Goethe foi obrigado a combater com as armas da sua vigorosa razão a epidemia de sentimentalidade e de morbida ternura, que o livro de sua mocidade desencadeára violentamente sobre a mystica Allemanha.

É esta geralmente a lei das relações reciprocas, que existem entre os homens de talento superior e o tempo a que elles pertencem e do qual são os interpretes supremos.

O que elles traduzem exagerando-o um pouco segundo as exigencias inevitaveis da distancia e da perspectiva, vem a ser mais tarde ultrapassado ainda pela realidade, que depois de reconhecer-se na pintura, teima em cingir-se fielmente aos exageros da ficção.

Considerada a esta luz, nada pôde trazer mais esmagadora responsabilidade que a missão de que se investem os creadores d'almas, aquelles que na phrase realista e expressiva de Balzac fazem *concorrença ao estado civil*.

Com a publicação do Werther e a produção do Goetz de Berlinghen, o seu drama gothico e *Shakspeareano*, Goethe já a este tempo profundamente versado na historia, na jurisprudencia, nas sciencias naturaes, na architectura, e em quantos mais conhecimentos atraiam o seu espirito avido de saber, achava-se pelo consenso unanime do seu paiz e pela espontanea vassalagem da Europa elevado á soberania intellectual do seu tempo.

A missão exercida durante largos annos por Voltaire e exercida principalmente, embora as calumnias a desvirtuassem, em prol dos direitos e da independencia do espirito humano vai, sem passar por outro poder intermediario, tomar nas mãos de Goethe um novo aspecto, mais organisador e menos pratico, mais abstracto e menos militante.

O sereno amor da Arte vai occupar o lugar que aos olhos de Vol-

taire occupava o amor da liberdade politica e religiosa pela qual elle tão denodadamente combateu.

D'esta differença fundamental se originam todas as differenças, que separam nos effectos dois poderes e duas influencias identicas no fundo.

Abre-se aqui a segunda phase da vida do poeta.

Goethe, vencida soberbamente pelo trabalho e pelo esforço mental a sua primeira lucta, estuda-se, aprecia-se, mode as suas forças, e começa por empregar em si proprio os processos de investigação e de critica que vai applicar aos homens e ás cousas.

Epoca de meditação entrecortada aqui e ali de recalidas subitas nos erros que se pretendem renegar, superior á que a antecede, e á que vai seguir-se-lhe; mais humana porque é mais combatida.

Accentua-se o antagonismo entre a vontade do homem e a acção involuntaria dos seus instintos.

A lucta é incessante mesmo quando invisivel.

Cada passo de Goethe é n'este caminho um verdadeiro triumpho. Os combates travados pelo seu espirito, a curiosidade insaciavel com que elle interroga o mysterio universal que o envolve e que o irrita, as duvidas que o assaltam dolorosamente, as horas em que o *sada* humano lhe apparece como uma tentação e um desalento, tudo isso está consubstanciado sob uma forma immortal na primeira parte do Fausto.

A ironia de Mephistopheles é uma das faces da extranha transformação porque a natureza do poeta vai passando.

O mal lucta com o bem, mas nem um nem outro vencerá.

Aproxima-se o momento em que a personalidade de Goethe vai desligar-se inteiramente accentuada e livre das influencias contradictorias que a disputam.

O Goethe da terceira e ultima phase, o Goethe pantheista que o mundo conhece e que é para o mundo uma especie de enigma sobre-humano, tem a olympica indifferença diante do problema insolúvel que se traduz para o homem sob o duplo aspecto do bem e do mal.

Para elle, ambos são igualmente interessantes como phenomenos psicologicos e igualmente indifferentes como leis moraes.

Visto a uma luz verdadeira ou a uma luz falsa o fim que elle se propoz está plenamente vencido.

Nenhuma desordem moral pôde agora oppôr-se ao funcionar da machina pensante que aperfeicou para seu uso, e que vai servir-lhe para triturar na complicada engrenagem, as idéas de todos os seculos, as descobertas de todas as sciencias, a palavra suprema de todas as civilizações.

Como filho, indifferente — quasi esquecido — passa nove annos, a dois passos de sua mãe, sem ir vê-la, e no entanto é sua mãe uma das figuras mais bellas e interessantes, na galeria das martyres obscuras que são as mães dos grandes homens; amante, bebe a longos haustos a paixão nos labios empalidecidos das suas fanaticas escravas, só para animar de chamma immorredoura a alma das filhas de seu genio; homem assiste ao tremendo esphacellamento de que o seu tempo foi o tragico theatro com uma attenção curiosa, satisfeita e benevola.

Não se indigna e tambem não approva: estuda.

As revoluções e as tempestades são para elle phenomenos identicos, a morte e a vida são resultados da mesma lei, as plantas e os homens merecem-lhe a mesma investigação tranquillã e paciente.

Quando lhe morre a mãe, acolhe essa noticia com impenetravel frieza; quando perde Carlos Augusto, o seu principe, o seu amigo, o seu admirador fanatico, dão-lhe essa nova á mesa na occasião em que jantava com elle um circulo de amigos, que todos tremeram antevendo o desespero de Goethe. Elle ouve com a sua impassibilidade inalteravel a noticia funebre, e diz: — É horrivel, fallemos de outra coisa — continuando a jantar.

Só o coração constitue no homem a humanidade, escrevia-lhe um dia Schiller, um dos amigos que mais fielmente lhe quiz atravez todos os gólos do seu egoismo, e que nunca deixou entrever que comprehendêra a que ponto faltava o coração ao creador do *Fausto*.

Como sempre que se trata de sentimento, Goethe deixa-se passivamente amar.

As vezes uma palavra fria, uma manifestação de austera reserva, um dito inconsciente de supremo orgulho, mostram n'elle o *Deus* habituado a não recomensar os cultos que inspira.

Um dia Schiller escrevendo a Goethe, dizia-lhe:

— Guardo-lhe uma surpresa que lhe toca de muito perto, e que ha de causar-lhe alegria.

Resposta de Goethe:

— Não faço bem idéa do que seja uma surpresa. Não importa, acolherei bem a sua. Não está no meu destino a possibilidade de encontrar jámais um bem unico, imprevisto, um bem que eu não tenha conquistado já. —

Compreende-se que o meigo coração de Schiller, todo susceptibilidades candidas e feminis, soffresse com estas e outras crueldades, o que o não impedia de perdoar.

Os outros não foram como elle indulgentes. Herder, Jacobi, Merck, o proprio Wieland enfureciam-se não raro, contra essa frieza inacessivel que hoje ainda, na distancia em que estamos d'ella, nos gela e nos assombra, embora no conjuncto da vida do poeta vejamos mais claramente as causas que a determinam e as circumstancias attenuantes que a desculpam.

Oicamos a accusação eloquente com que Herder verberava um dia a suprema indifferença de Goethe, a contemplação perpetua de si mesmo em que elle viveu absorto e encantado.

¹ Shakspeare.

AS

NOSSAS GRAVURAS

O PRINCIPE D. CARLOS

O OCCIDENTE dá hoje o retrato do príncipe D. Carlos Fernando, herdeiro presumptivo da corôa de Portugal, que ha poucos dias, depois de completar a idade de 14 annos, prestou no parlamento, nas mãos do presidente da camara dos pares, juramento de fidelidade á constituição politica do estado, em conformidade com as prescrições da lei.

Filho do sr. D. Luiz I e da sr.^a D. Maria Pia de Saboya, neto de dois reis heroicos, de dois caudilhos illustres da liberdade, D. Pedro IV e Victor Manuel, o joven príncipe tem nas virtudes dos seus maiores um claro exemplo a seguir, se quizer conciliar o respeito dos subditos com a estima dos concidadãos.

Nos tempos calamitosos, de livre exame religioso e politico que vão correndo, a realza é uma magistratura elevada que recebe a investidura da soberania popular. Os príncipes já não herdám os povos. Os povos é que lhes assentam nos hombros o manto d'arminhos, symbolo das elevadas funcções magestáticas que são chamados a exercer.

É provavel que o espirito do joven príncipe tenha sido educado n'estes principios que representam só por si uma das mais grandiosas conquistas do pensamento moderno.

Ainda que os juramentos politicos nem sempre até hoje tenham encadeado os compromissos dos reis á esperança dos povos, o acto

em obediencia ao sentimento e aos interesses da epoca.

A sala dos cisnes, de que hoje publicamos a gravura, se não tem



EÇA DE QUEIROZ (Auctor do novo romance — O primo Basilio)
(Segundo uma photographia)

solemne praticado agora pelo príncipe D. Carlos merece ficar registrado, ao menos como uma promessa.

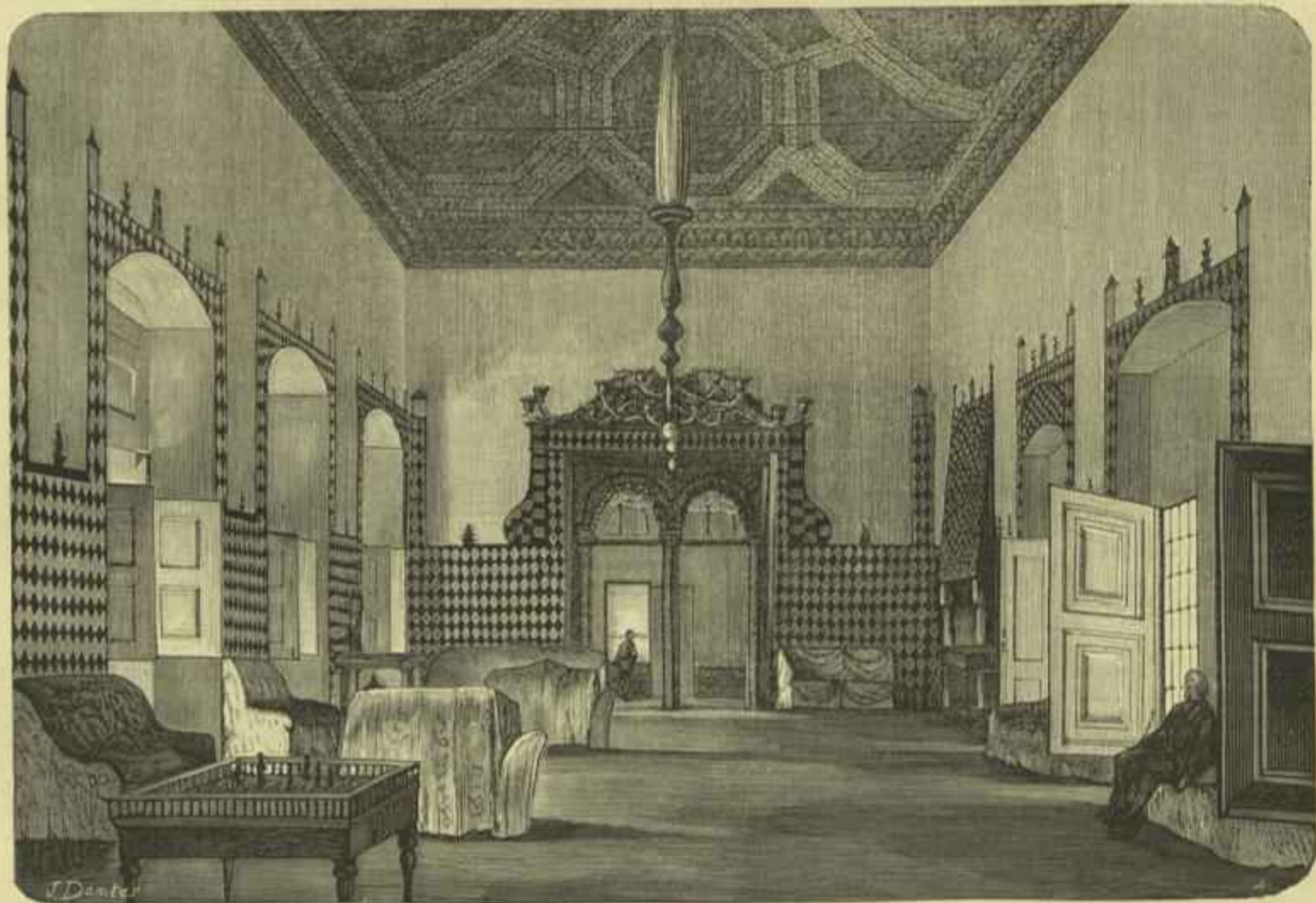
Promessa solemne de que exercendo um dia o cargo da realza, dará ao paiz, como exemplo de fé monarchica, o seu proprio respeito pela soberania popular.

SALA DOS CISNES NO PALACIO REAL DE CINTRA

Pelas muitas recordações historicas que a elle estão ligadas, o palacio real de Cintra é uma das mais notaveis edificações do nosso paiz.

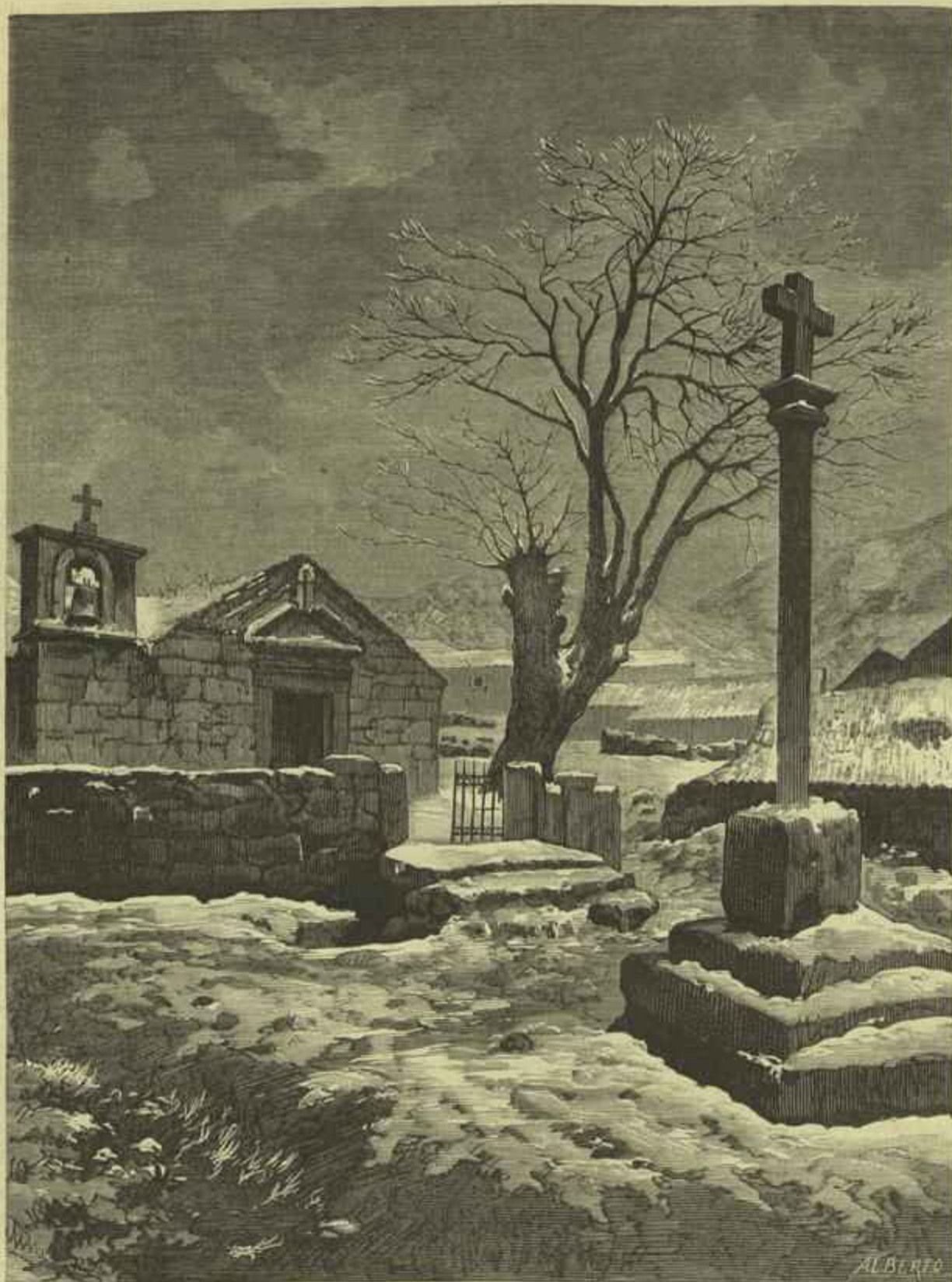
Mandado construir por D. João I na villa de Cintra, sobre as ruinas d'um alcaçar arabe, foi continuado por D. Affonso V e D. João II, concluindo-o D. Manuel, ao qual bem poderiamos chamar, em vez do *Afortunado*, o *Edificador*, pelas muitas construcções que empreheendeu ou que concluiu no seu reinado, como se vê da esphera armilar esculpida em tantos monumentos nacionaes.

O palacio de Cintra, comquanto se resinta da influencia do arabe em virtude da sua edificação ser amoldada ás ruinas sobre que foi levantado, é ainda assim um dos raros typos de construcção civil do periodo ogival, existentes no nosso paiz, se attendermos a que de ordinario o gothico predomina quasi sempre nos monumentos religiosos levantados pela piedade dos reis,



SALA DOS CISNES NO PALACIO REAL DE CINTRA (Desenho do sr. J. Dantas, segundo uma photographia do sr. Mareão)

PORTUGAL PITTORESCO



INVERNO. — PAIZAGEM DA SERRA DA ESTRELLA

(Desenho de M. de Macedo, segundo uma photographia do sr. Carlos Relvas, enviada á exposição de Paris)

uma grande importancia historica, é comtudo muito notavel sob o ponto de vista artistico, pela sua decoração interna bastante original.

São tambem muito notaveis outras salas do palacio, taes como: a sala das pegus, a das armas e a da audiencia, bem como o fogão de baixos-relevos existente no palacio, e que muitos attribuem a Miguel Angelo.

Não devemos esquecer ainda a pequena sala no rez-do-chão, celebre por ter sido durante oito annos a prisão do desventurado rei Affonso vi, e na qual se podem ainda hoje ver assignalados no ladrilho os passelos do legendario monarcha.

Opportunamente reproduziremos tambem pela gravura estas salas, aonde se respira aquelle poetico perfume das tradições, que são a memoria dos povos.

INVERNO

PAIZAGEM DA SERRA DA ESTRELLA

A gravura que hoje damos é reproduzida d'uma primorosa photographia da collecção que o distincto photographo amator, o sr. Carlos

Relvas, envia á exposiçào de Paris. Representa, n'um ponto da serra da Estrella coberta de neve, as ruinas do velho convento que, sob a invocação de Santa Maria da Estrella, foi allí edificado para recusão dos frades Bernardos, ha mais de sete seculos, sendo principiado por Lourenço Viegas, filho de Egas Moniz, e reedificado em 1220 por D. Mendo, abbade de Maceiradão.

Pela nossa gravura pôde o leitor formar idéa do pittoresco d'aquella região, que vive a vida selvatica e vigorosa da natureza nos primorosos cartões do sr. Carlos Relvas, tão apreciados por nacionaes e por estrangeiros, e que na proxima exposiçào não deixarão por certo de conquistar ainda mais applausos para o nosso intelligente compatriota.

O PELOURINHO DE CAMPO-MAIOR

O sr. Luiz Vermell, nas suas excursões artisticas pelo nosso paiz, tem generosamente procurado salvar do esquecimento publico muitas curiosidades historicas, entre as quaes, a que hoje damos reproduzida pela gravura. O pelourinho de Campo-Maior não deixa de ser notavel

pela sua elegante construção, o que aliás não é raro em muitos d'estes symboles de jurisdicção municipal.

O pelourinho da villa de Campo-Maior, sobre o qual assenta a estatua da justiça, é evidentemente um d'aquelles a que Viterbo chama *picota*, ou pelourinho com cadeias e argolas, aonde os criminosos eram expostos á vergonha. Este monumento, como muitos outros, entre os quaes o pelourinho de Lisboa, embora tenham accumulado as funções de padrão da autonomia do concelho, com as de poste de ignominia, merecem todavia ser conservados e resguardados do preconceito d'um modernismo inconsciente que em muitas terras do reino se tem levantado contra elles.

Da historia do pelourinho da « histórica e valorosa villa de Campo-Maior » nada nos dizem os chronistas que temos á mão. Vê-se entretanto que é um dos mais elegantes e mais originaes entre os que ainda existem disseminados pelas villas e cidades do nosso paiz.

EÇA DE QUEIROZ

A PROPOSITO DO NOVO ROMANCE « O PRIMO BASILIO »

Eça de Queiroz é um inspirado. Dentro d'aquelle romancista ha uma pythonisa: antes de fazer romances fez apocalypses. Os contos na *Gazeta de Portugal*, a sua primeira phase litteraria, são obras primas d'uma phantasia convulsa e desgrenhada. Podem-se definir d'esta maneira: a epilepsia do talento.

A guitarra extravagante e mephistophelica que Eça de Queiroz trazia n'esse tempo a tiracolo, por cima da sua loba de bohemio, era como,

La guitare des monts Inspruck reconnaissable
Au grêlot de son marche où sonne un grain de sable;

com a differença de que o grão d'areia era substituido por um grão-negro de loucura...

Seguiu-se depois em folhetins, na *Revolução de Setembro*, a *Morte de Jesus*, narrativa phantastica em que ha paginas extraordinarias, d'um colorido arrebatador e deslumbrante. A critica, acostumada n'esse tempo á prosa discreta e comedida dos *bons engenheiros nacionaes*, uma prosa pacatinha e conspiciua, que não fazia desordens, que não se mettia em barulhos, que se deitava á noitinha, ás Trindades, que se confessava, que ia á missa, e que organisava as suas pandegas domingueiras, os seus Trimalciões desaforados, com um bulle de chá, uma lampreia d'ovos e licor de canela; a critica quando viu apparecer Eça de Queiroz, como uma especie de funambulo e de vidente, fazendo jogos malabares com um punhado de seixos e um punhado de estrellas, quando o viu saltar por cima das tradições da litteratura nacional, como um Gravoche por cima d'um *frade*, a critica, a excellente critica, a impagavel critica portugueza começou a rir-se d'elle, a troçar-o, a apedrejalo e houve até quem quizesse vestir-lhe uma camisa de força, e mandarlhe fazer um chapéu alto na fabrica de gelo do Aterro.

Foi n'esse momento que Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz começaram a mondar á thesouira todas as orelhas sumptuosas que subissem mais de dois palmos acima das cabeças respectivas. Enfeitaram muitos ridiculos sociaes — e desembolados, com garrochas esplendidas, imprevisitas, d'onde saiam ás vezes, batendo as azas com estrepito, as aguias intemeratas, soberbas, gloriosas das grandes gargalhadas fulminantes.

Mais tarde Eça de Queiroz substituiu a espada do toureador pelos historis do romancista; perdão, não a substituiu, transformou-a: da espada é que se fizeram os historis.

Não cabe nos estreitos limites d'uma columna de jornal a critica circumstanciada e reflectida do ultimo romance d'Eça de Queiroz. O *Primo Basilio* é um livro extraordinario, a cuja analyse terei de dedicar brevemente um artigo especial.

O poder do romancista depende de duas cousas: a impressionabilidade imaginativa, onde os objectos exteriores se vão desenhar nitidamente, como n'um *cliché*, e a faculdade de reproduzir em seguida esses objectos com uma justeza incisiva de contornos e uma precisão harmonioza de tons, de nuances, de claro escuro.

Eça de Queiroz possui n'um grau intensissimo e culminante a primeira d'estas duas condições — a impressionabilidade imaginativa. Ver uma paisagem é facil: basta ter olhos. Mas ver os agrupamentos pittorescos, as attitudes das arvores, as manchas do terreno, o borboletear alegrissimo da luz da manhã, como um riso infantil, na verdura humida das hervagens tenras e sadias, nos ramos opulentos dos grandes castanheiros frescos e viçosos; ver o murmurio jovial do despertar d'uma bella colina verdejante n'uma rosada manhã de primavera; as scintillações diamantinas dos regatos, os assobios ironicos dos melros, o surdir hilariante e mysterioso de mil vegetações que se acotovelam, que se enlaçam, que se beijam, que se estrangulam, cheias d'uma mocidade barbara e violenta e d'uma candura ingenua e virginal; ver a gula selvagem e primitiva das plantas parasitas a mergulhar os braços vigorosos na fresca profundidade da terra negra e nutriente; ver as flôres das amendoeiras d'um perfume tão casto e tão alegre — um perfume de noivas, pulverisadas dos enxames radiantes das abelhas; ver no meio dos lameiros enxarcados, a bonhomia heroica e melancolica dos grandes bois silenciosos, contemplando com o olhar

tranquillo e religioso o deslumbramento matinal; ver os nevociros imponderaveis e diaphanos rasgando-se aos pedaços como tunicas de sylphides na gloria triumphante d'um azul oxigenado e melindroso; ver em summa o caracter, a alma, a physionomia d'uma bella paisagem n'uma madrugada triumphante, é isso um privilegio rarissimo, unicamente concedido á retina miraculosa de Corot, de Diaz, ou de George Sand.

Pois bem, ha uma cousa ainda mais difficil de photographar do que a natureza; é a humanidade, são os sentimentos e as paixões — o abysmo. Nas consciencias ha oceanos tenebrosos e profundos. Para descer lá abaixo, até ás ultimas camadas, até aos ultimos limites do pensamento é necessario que os mergulhadores intemeratos, os Colombos da alma, levem na mão essa lanterna de Victor Hugo, de Balzac ou de Shakespeare — o genio.

Para photographar o amor, a colera, o ciúme, a perfidia, a avareza, a abnegação, isto é, para fazer a anatomia rigorosa dos espiritos não bastam os escalpelos da medicina, os reagentes da chimica e as subtilidades investigadoras da policia. Qualquer mediocridade litteraria, intelligente e paciente, consegue daguerreotypar um determinado individuo, um certo individuo, estudando-o, espionando-o, tachigraphando as suas palavras, decorando os seus gestos, os seus *tics*, a sua pronuncia, coabitando com elle, indagando os seus negocios, a sua intriga, a sua vida intima, finalmente seguindo-o por toda a parte como a sombra segue o corpo e como Javert seguia Jean Valgean. É por este processo mesquinho e pusillanime que os romancistas de segunda ordem chegam a conhecer os seus personagens, exactamente como a ostra pôde chegar a conhecer o seu rochedo. Não é fazer uma obra d'arte: é fazer um inventario.

Da mesma forma que os grandes genios scientificos pela analyse dos factos chegam á descoberta da lei geral que os domina, assim os grandes poetas, os grandes dramaturgos e os grandes romancistas chegam tambem pela analyse dos individuos á creação dos typos sublimes e immortaes que são a synthese e o resumo de todos os individuos de que se compõe a humanidade. A lei da atracção é na sciencia o que *Romeo e Julieta* é no drama, o que o *Fausto* é na poesia e o que o *Pere Goriot* é no romance. Newton está paralelo a Shakespeare.

Ora d'estas grandes creações geniaes umas são eternas, immutaveis, abstractas, correspondem a todas as epochas, e a todos os paizes, e chamam-se Margarida, Prometheu, Hamlet, Julieta, outras synthetizam a vida da humanidade n'um determinado seculo e chamam-se *D. Quichote*, *Tartufo*, *Divina Comedia*, e outras, ainda finalmente, representam n'um dado periodo, com todas as crenças, sentimentos e aspirações, a vida perfeita e condensada d'uma nação em especial: *Os Lusíadas*, por exemplo.

Eça de Queiroz pertence á ordem elevada dos artistas creadores: mas como os personagens dos seus romances são portuguezes, e, como a nacionalidade portugueza no mundo moderno é uma parcelasinha insignificante, esses personagens, pela maior parte, são apenas a synthese d'um pequeno numero de individuos, n'um pequeno paiz e n'um pequeno lapso de tempo. É a differença que vae de Jean Valgean para o conselheiro Acacio, ou d'uma planta cosmopolita que se dê em todos os terrenos da Europa para uma planta especial que apenas vegete n'uma região isolada, com dez ou doze metros de superficie.

O conselheiro Acacio e a creada Juliana do *Primo Basilio*, comquanto não possuam a latitude, a quasi universalidade, d'alguns dos typos de Balzac, no entanto como poder de creação, como força de genio, collocam Eça de Queiroz a par do auctor da *Cousine Bette*, do *Pere Goriot* e da *Eugenia Grandet*.

Eça de Queiroz é um grande romancista porque é ao mesmo tempo um grande poeta. Tem a analyse e tem a intuição. A analyse é um histuri, mas a intuição é um raio. A impressionabilidade imaginativa do auctor do *Primo Basilio* é tão delicada, tão viva, tão profunda, chega a sentir com uma tal nitidez e uma tal subtilidade magnetica, os sentimentos mais vaporosos e incoerciveis, que ás vezes faz lembrar os aparelhos de physica moderna escrevendo com uma precisão inalteravel as vibrações dos sons ou as ondulações da luz, e recorda ao mesmo tempo as pequeninas balanças trabalhando na aresta d'um diamante, d'uma susceptibilidade nervosissima, e que servem para pesar as gotas de essencias mais preciosas ou dos venenos mais energicos.

Eça de Queiroz, quando não vê a olho nú, põe a luneta, quando não vê com a luneta pega no microscopio; se a noite é tenebrosa transforma-se em tigre, e se o olhar felino não é ainda bastante perspicaz, transforma-se em vidente, em illuminado, em sonnambulo.

Emquanto ao estylo, isto é, emquanto ao modo de fixar pela palavra as impressões recebidas, Eça de Queiroz, a par d'alguns defeitos secundarios, tem qualidades verdadeiramente admiraveis. O seu estylo produz uma embriaguez vivificadora como se estivessemos respirando com energia, a plenos pulmões, uma atmosphera hilariante d'oxigenio puro. Nada de secco, d'afflicto, de turturado. A vida corre amplamente, desafogadamente, por todas aquellas paginas como uma seiva brutal e nutriente pelos ramos herculeos e verdejantes dos grandes platanos frondosos. As phrases coloridas, mordentes, pittorescas, rompem a toda a hora, a todo o instante, como uma boa agua rija e virginal burbuhando entre a frescura das hervagens, d'uma nascente profundissima. Infelizmente Eça de Queiroz não conhece ainda todos os recursos brilhantes de que pôde dispor, manejada para um espirito moderno, a antiga lingua portugueza. As vezes a sua idéa rebenta o involuero que a contém.

Faz lembrar um gigante com um casaco muito apertado que, estoiando de subito, deixasse ver, juntamente com a camisa, uma muscula-

latura poderosa. Ora na lingua portugueza ainda ha o panno necessario para talhar um fato completo pela medida de Sansão.

GUERRA JUNQUEIRO.

Á LUZ

Oh, luz doirada e pura
Oh, luz irmã do amor,
Espelho e formosura
Da alma do Senhor!

Em ti eu vejo e abraço
A voz da criação
Cantando pelo espaço
A esplendida canção!

Meus olhos que te admiram,
Bem como a terra e os ceus,
Ao verem-te sentiram
O proprio olhar de Deus!

O ceu, mal vens na aurora
Mais alva que a alva lã,
De purpura colora
As faces de manhã!

A terra envolta em galas
Mais bella que as houris
Ai, veste-se d'opalas
De perolas e rubis.

As aves innocentes
Sentindo o teu fulgor,
Gorgeiam de contentes
Seus canticos d'amor.

Os lyrios junto ás fontes,
Perdendo o teu clarão,
As suas bellas fontes
Inclinam para o chão.

Eu mesmo se em verdade
Sonhei como Jesus,
Os bens da humanidade
A ti os devo, ó luz!

Oh, candida alegria
Espírito de Deus
Que animas, noite e dia,
A terra, o mar e os ceus!

Adoro-te, portento!
E a ti levanto as mãos
Como ante o sacramento
Os simplices christãos!

Principio incorruptível,
Oh, candida vestal,
Que pairas invisível
Sobre este lamaçal:

Lá quando a morte um dia
Roubar nos olhos meus
A esplendida harmonia
Que existe em terra e ceus,

Seguindo prasenteiro
A lei que me conduz
Meu grito derradeiro
Será por ti, oh luz!

MANUEL D'ARRIAGA.

A ESCOLA

I

É um thema velhissimo. A idéa porém que elle synthetisa acha-se ainda tão distante da sua exacta manifestação pratica, que os maiores engenheiros e os mais humanitarios pensadores do presente seculo continuam a dedicar-lhe bem logradas horas de reflexão e estudo.

Desfeitos e esquecidos os methodos antigos até á theoria de Felbiger, todas as atenções convergiram para o grande principio do immorttal Pestalozzi: — *discriminar bem as necessidades de uma idade, em que as faculdades mentaes não tomam desenvolvimento se não forem bem dirigidas e bem comprehendidas.*

Este principio, cujas primeiras radiações se projectaram desde logo no solo uberrimo da Suissa, na culta Allemanha e na America do Norte, abriu a primeira estrada ao ensino racional do povo.

A Europa e a America empenharam-se denodadamente n'esta nova cruzada, que se destinava, não á conquista de um tumulo, mas á conquista de uma civilisação. Portugal, um dos povos mais afastados d'esse movimento, procurou, ainda assim, corresponder-lhe pela revolução de 1820, que em quatorze mezes criou cincoenta cadeiras; pela reforma de Rodrigo da Fonseca em 1833, e pela carta de lei de 7 de junho de 1839.

Alguns d'estes esforços, cercados pela reforma reaccionaria de 1844, e pelas tradições e apathia do caracter meridional, conseguiram, quando muito, elevar a nossa instrução popular ao nivel da instrução na Russia e na Hespanha.

As estatísticas escolares dos povos modernos deveriam, para edificação e vergonha nossa, andar-nos sempre diante dos olhos, e nada perderiamos se nos jogos olympicos da civilisação, — como a Exposição de Vienna de Austria, — não apparecessemos em deploravel confronto com o Baixo Canadá, com a Allemanha, com a França, com a Suissa.

Temos poucas escolas e temos poucos alumnos. É evidentemente um mal gravissimo; e, no entanto, se é possivel, ha um mal ainda mais grave: é a falta de professores e a falta de livros.

Não ha institutos normaes. Dos homens zelosos e de reconhecida competencia poucos estão á frente do ensino publico. Para os desfavorecidos da fortuna, a cadeira é uma pequena commodidade; o professorado um modo de vida.

Na diffusão dos livros escolares divisa-se, em regra, a especulação particular, á sombra da sancção official. Não se abrem concursos aos methodologistas e escriptores; não se procura aperfeiçoar ou reformar os methodos; trata-se de diffundir compendios.

N'esta situação, que por honra nacional, só deve descrever-se a largos traços, apparece uma tentativa de um homem modesto, mas tentativa profundamente revolucionaria, no bom sentido d'esta palavra, e que vae surtindo os seus naturaes effeitos. Refiro-me á *CANTILHA MATERNAL* de João de Deus.

Todos o conhecem, e todos o estimam, o inimitavel poeta das *Flores do Campo*. Fantasia adoravelmente excepcional, artista que emoldura em voluptuosos arabescos os quadros mais sentidos e mais profundamente religiosos, cabeça que parece alojar tres cerebros indivisos, o de Kempis, o de Gessner e o de Desmoulin, seria para espiritos superficiaes uma surpresa o transfigurar-se elle n'um methodologista e preceptor de crianças. Antolha-se a alguém que a educação da juventude é assumpto nimiamente pratico e arido para se coadunar com os doces e caprichosos devaneios de um poeta meridional. E contudo nas organisações privilegiadas a infancia e a poesia são idéas que se irmanam estreitamente, como dois girasoes que, irrupendo do mesmo tronco, offercem conjunctamente o seio immaculado aos osculos da luz.

Os poetas amam a luz, e a infancia precisa de luz. João de Deus baixou um dia a vista do seu Thabor illuminado, espalhou-a em torno de si e viu... trevas. — «Se todos soubessem ler!» — pensou elle talvez. — «E porque não hão-de todos saber ler?»

Esta interrogação foi porventura a primeira pedra do engenhoso edificio, a cuja construcção inteiramente se devotou. Mediu-lhe cuidadosamente os angulos, computou-lhe as dimensões, cinzelou-lhe os plinthos e os capitels, decorou-lhe a aboboda, abriu-lhe uma porta para cada um dos pontos cardaes, e disse ás crianças e aos ignorantes: entrae.

Entraram alguns. O receio e a duvida espreitavam de largo. A incredulidade é a primeira consagração dos grandes inventos. Mas entraram alguns; e, horas depois, vieram contar-nos maravilhas do que viram e ouviram. E os receios e os duvidosos perderam receios e duvidas e entraram em chusma. Entremos tambem.

Descubramo-nos reverentes perante o sacerdocio da instrução, e ouçamos o exordio da cathequese:

— «Este systema funda-se na lingua viva, — diz o auctor da *CANTILHA MATERNAL*. — Não apresenta os seis ou oito abecedarios do costume, senão um, do typo mais frequente, e não todo mas por partes, indo logo combinando esses elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem; de modo que, em vez do principiante apurar a paciencia n'uma repetição banal, se familiarisa com as letras e os seus valores na leitura animada de palavras intelligiveis.»

São desconhecidos os moldes em que se vasa o novo systema. O ideal de Pestalozzi tem atravessado muitos cerebros, sem encontrar forma pratica que lhe corresponda. João de Deus eriou um methodo, e esta criação, — que o é innegavelmente, — parece-me ter realisado a preconizada sentença do velho pensador suiso.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

GABRIEL

I

Dizem que as mulheres tem quasi sempre o capricho do excentrico. Por isso chegam a amar perdidamente os homens feios. Gabriel, porém, ultrapassava tudo quanto ha de humanamente hediondo.

Tinha a cabelleira aspera, lisa, penteada do centro para os lados; a testa curta, franzida entre os sobr'olhos; o nariz achatado em dois terços do seu comprimento, formando na extremidade como que uma noz de carne; as maxillas salientes; bocca ampla e carnosa.

Todo este conjunto de imperfeições assentava sobre um pescoço largo e forte, como o d'um toiro.

O corpo pequeno e atarracado pendia um tanto para diante; os braços eram curtos e arqueados, as pernas em angulo, e uns pés enormes.

Trajava-se porém com elegancia.

Guinplaine vestido pelos alfaiates de Londres.

Gabriel era dotado d'um temperamento reservado, pouco expansivo.

Para elle os homens quasi que não eram seus iguaes, tal a convicção de que a sua fealdade horrorisava.

Por isso ninguem lhe conhecia um amigo, com pouca gente se dava, e a circumstancia mais insignificante bastava para o irritar, e para o affastar das relações que apenas encetára.

Contudo, graças á sua consideravel riqueza, tinha as atenções de todos, geraes demonstrações de apreço; e facil lhe seria escolher entre tantos, um intimo.

Gabriel conservou-se sempre em guarda.

Como o ouriço, recolhia-se na sua armadura de espinhos, e olhava em volta com um olhar indagador, e sempre desconfiado.

Se era difficil conhecer o fundo verdadeiro dos seus sentimentos, mais difficil se lhe tornava, a elle, a analyse dos sentimentos que o rodeavam.

As mulheres, porém, procuravam as atenções de Gabriel, tanto mais quanto se horrorisavam com a sua fealdade, e a commentavam em grandes expansões de hilaridade, nos seus intimos concilios.

— É horroroso!

— Parece um bicho!

— Ver aquelle reptil deitado na cama, a meu lado!... Santo nome de Jesus!

— E eu que tenho um horror aos sardões!

— Aos sapos, deves tu dizer, que é com que elle se parece.

Mas todas ellas quando o encontravam, principalmente as solteiras e as viúvas pretendentes, enchiam-o de atenções, de finezas; queixavam-se da sua pouca amabilidade quando as não preferia para dançar; atravavam-lhe á queima-roupa com os seus sorrisos, e os seus olhares petroleiros.

Mas Gabriel era intelligente; conhecia o valor de todas aquellas macaquices galantes.

Muitas vezes tinha descido até á perfidia, afim de mergulhar a sonda da observação até a intenção mais reservada das sereias que armavam ao seu dinheiro.

Umhas poucas de experiencias felizes tinham dado em resultado um absoluto tedio pelas mulheres, em cada uma das quaes elle via um laço traiçoeiro, por sobre um horrivel precipicio, tendo no fundo a sua desgraça.

O seu caracter irriçára-se de pontas, contra tudo e contra todos.

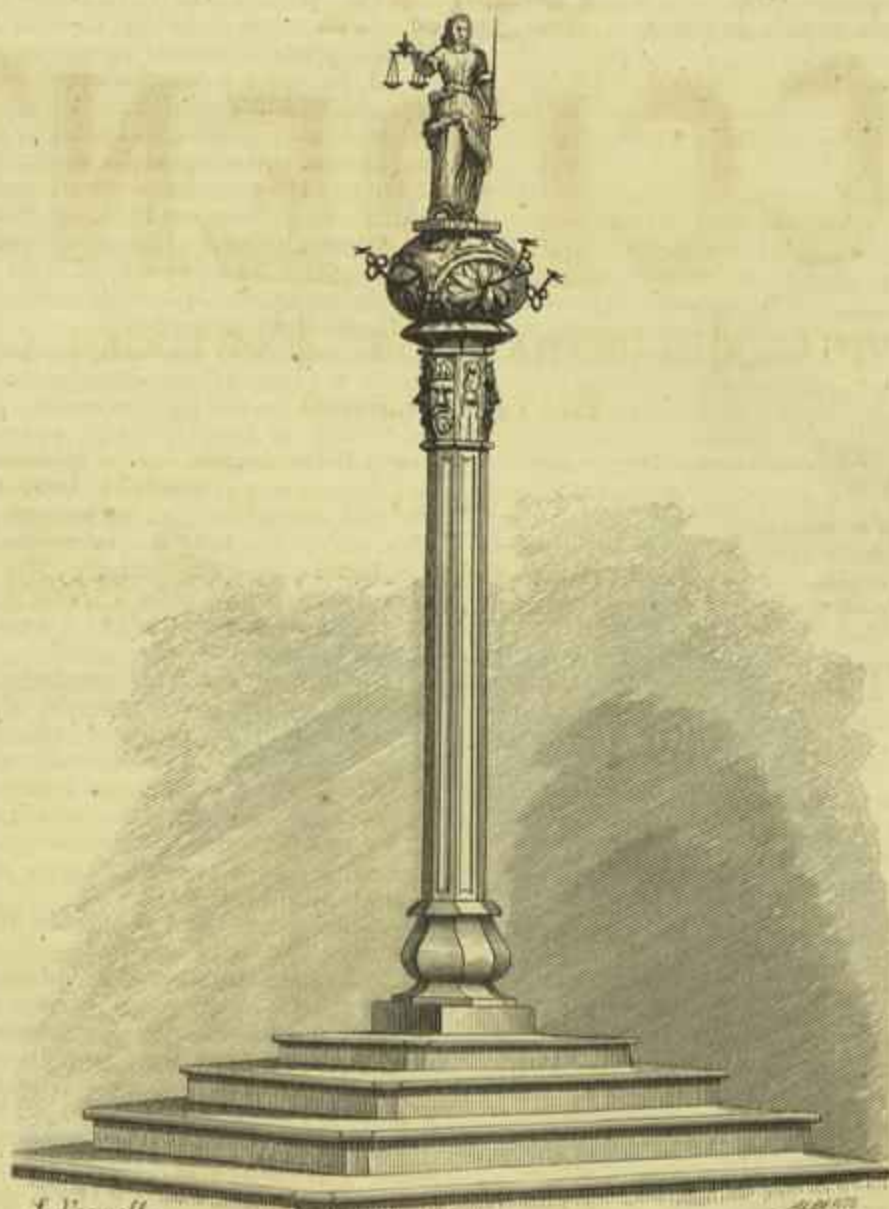
Adoptára um systema de vida que se coadunava com o seu espirito azedado e cheio de reservas.

Vivia no mar.

Mandára construir um hiato de recreio, com todas as commodidades, a que chamava a sua *Garça*, e, á parte dois mezes de inverno que vivia em Lisboa, todo o resto do anno passava-o a bordo, viajando, tocando aqui e ali em diferentes portos; demorando-se em cada um d'elles apenas o tempo sufficiente para se saciar das primeiras impressões da visita.

Era o *flaneur* dos oceanos.

Passejava pelo mar, como o *swell* lisbonense passava pelo Chiado.



PELOURINHO DE CAMPO-MAIOR (segundo um desenho de D. Luiz Vermell)

Quando o oceano era tranquillo, a *Garça* deslisava serenamente á superficie serena das aguas.

Se o elemento era turgido, se as ondas agitadas se atiravam umas contra as outras, como grandes serpentes que luctam, o pequeno barco ia abandonado, imperturbavel, levado de vagalhão a vagalhão, ora attingindo as nuvens, ora descendo ao abysmo cavado entre duas ondas, para ser de novo arremessado aos pincares das enormes cordilheiras aquaticas.

A amenidade das noites, estreladas e tranquillias, e os embates das procellas; a musica das aguas, casando-se com as harmonias da costa, e o rugir dos elementos convulsos, que se entrechocam n'uma lucta titanica, — este frequente contraste que não dava occasião á monotonia de espirito, fazia as delicias de Gabriel.

Nada ha mais variado que o aspecto do oceano.

Entre um dia de sol, em que a immensa superficie das aguas, ora scintillante, como uma porção d'alcool incendiado, ora transparente como um vidro, ora espumante e lactea, apresenta uma diversidade de tons admiraveis, — e uma noite de procella, onde se desenrola pelo infinito como que uma eumenide de sombras, que de variados espectaculos!

Gabriel sentia-se feliz, porque se sentia com a natureza.

Tinha no seu pequeno imperio uma porção de subordinados, e ao mesmo tempo seus amigos, a quem pagava como um rei, e que lhe obedeciam como vassallos.

Gabriel, que no mundo não sabia acreditar na amizade, acreditava ali na estima e na dedicacão d'aquelles homens.

O mar é o mais sublime dos templos; difficilmente se acredita que alguem ouse mentir diante da sua rude franqueza.

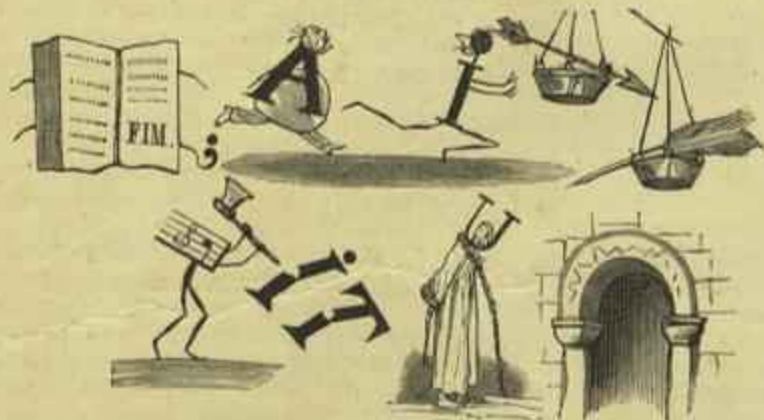
(Continúa.)

CHRISTOVÃO AYRES.

CORRESPONDENCIAS E AVISOS

A Assembléa 1.^a de Dezembro, de Ponte de Lima, foi quem primeiro nos enviou a decifração do enigma do numero anterior.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

O homem é muitas vezes obrigado a fazer das fraquezas forças.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

Rua do Theatro Velho, 6